



Mulheres de Aze: semeando e alimentando a resistência.

FARIAS, Ludmila Bandeira Pedro de¹; CARVALHO, Elisangela² das Dores; GOMES, Carolina Rodrigues³; SANTOS, Marlene Marta¹; SILVA, Genilda Rodrigues¹; SANTOS, Ana Paula de Jesus dos¹; SILVA, Rosangela Fátima do Nascimento¹
¹ludmila.farias@terra.com.br, ²lisamstrj@yahoo.com.br, ³carolcanguio@yahoo.com.br

Eixo Temático: Mulheres, Feminismos e Agroecologia

Apresentação

Historicamente as mulheres foram criadas como objeto de reprodução. O papel da mulher na sociedade é criar filhos e manter as tarefas domésticas organizadas. Além da dependência econômica esse lugar construído historicamente trás a violência contra mulher como marca central. A maioria dos casos de violências são domésticos, uma vez que são reproduzidas as relações machistas presentes na sociedade dentro da família. A violência contra a mulher foi naturalizada por muito tempo, assim como a invisibilidade do trabalho feminino. Se na cidade a situação é complexa na zona rural isso se intensifica. A divisão do trabalho no campo o homem é responsável pelas linhas produtivas que são responsáveis pela geração de renda, ficando centralizada nos homens. As mulheres ficam responsáveis pelos cuidados da casa e “ajudam” na roça.

Esse é o discurso reproduzido, mas se observarmos podemos identificar que as mulheres são responsáveis pelos quintais produtivos. Nos quintais encontramos uma variedade de alimentos que contribuem para a segurança alimentar da família. Além do quintal identificamos que as mulheres cuidam dos filhos, alimentação e casa, bem como trabalham, em sua maioria, na roça junto com os homens.

É possível afirmar que as mulheres têm um cuidado especial com as sementes, em muitos lugares, chegam a ser identificadas como guardiãs das variedades de sementes crioulas. Na agroecologia as mulheres também têm um papel fundamental, na construção da biodiversidade na produção.

O presente relato está inserido nesse contexto de mulheres do campo, Sem Terra, que tem o desafio de construir o empoderamento no que refere à geração de renda e auto-estima. Construindo em nós o empoderamento político. E compreendendo empoderamento político como a capacidade de falar e ocupar os espaços que são prioritariamente ocupados pelos homens, e se capacitar para a cada dia aumentar a capacidade de intervenção na sociedade na qual estamos inseridas, na luta pela transformação social. Que envolve necessariamente a discussão e reconstrução das relações de gênero onde as mulheres e homens têm igual importância, sem subjugar um em relação ao outro. E não podemos pensar em relação de igualdade sem a geração de renda para ambos. Mulheres que não tem dependência



econômica dos homens são mulheres que tem auto-estima elevada, pois não estabelecem uma relação de subserviência.

A presente experiência foi desenvolvida por assentadas do PA Dênis Gonçalves, localizado no município de Goianá na região da Zona da Mata Mineira. Mulheres que a partir da necessidade de gerar renda se juntaram e organizaram o que hoje chamamos de Mulheres de Aye. Nós nos compreendemos como um coletivo produtivo que se envolve prioritariamente com o beneficiamento e organização da produção de alimentos tanto para refeição em eventos quanto para feiras organizadas e/ou articuladas pelo setor de produção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Do ioruba Aye significa terra, somos as Mulheres de Aye, pois fomos forjadas na terra de onde vem a força que nos nutre! Um grupo produtivo de sete mulheres, que preparam alimentos colhidos de suas terras. Produzimos os quitutes - cafés, bolos, pães e quitandas - no calor aconchegante da fornalha de barro, amassados por mãos calejadas da luta, mas que prepara com alegria o alimento que sacia.

Contextualização da experiência

O Assentamento Dênis Gonçalves está organizando em uma terra que tem uma riqueza histórica e ambiental singular. Podemos citar como marcos importantes encontrados aqui: marco de sesmarias, senzalas, construções históricas, cachoeiras. Foi encontrado aqui uma múmia de indígena, que conforme afirmam os historiadores foi um presente da Baronesa de Sant'Anna para Dom Pedro II. Além do café tínhamos aqui a produção de leite.

Além das questões históricas, temos a beleza ambiental, umas das maiores reservas de mata atlântica da zona da mata mineira. Com cachoeiras e quedas d'água, paisagens de beleza única.

Toda essa riqueza faz do assentamento um ponto forte de turismo e visitação. E desde que foi ocupado recebemos muitas visitas de grupos de estudantes, pesquisadores e curiosos. Assim a demanda para produção de alimentos sempre foi organizada. Receber com café e almoço aos visitantes foi uma prática que desenvolvíamos na comunidade desde sua constituição.

Assim começamos a ser convidadas também para oferecer os alimentos preparados por nós e produzidos por nós também na cidade. "Alimentar é um ato político" como já afirmamos em nossa campanha contra o uso de agrotóxico, assim nesse contexto foi se fortalecendo a necessidade de organização de um grupo que se dedicaria com mais ênfase à questão da produção de alimentos tanto para fora como dentro do assentamento.

As Mulheres de Aye estão organizadas Goianá, município de Minas Gerais, na região da Zona da Mata.



A experiência desse grupo produtivo, da geração de renda, foi iniciada pelas sete mulheres agricultoras, educadoras, estudantes, assentadas da reforma agrária e companheiras que vivem, produzem e organizam seus lotes no assentamento Dênis Gonçalves a partir da agroecologia e dos princípios do trabalho coletivo e cooperado.

A relação de nossa experiência com a agroecologia veio da necessidade de organizar o lote a partir da produção com baixo custo, visto a ausência de financiamento do Estado em políticas públicas na reforma agrária. Assim, o excedente do que produzimos, usamos no preparo dos cafés, nas feiras, na alimentação dos eventos que produzimos.

Desenvolvimento da experiência

O grupo Mulheres de Aye surge após a participação de algumas mulheres em uma atividade política em conjunto com outras organizações do mesmo campo da esquerda na zona da mata mineira. A tarefa era organizar um café com quitandas para dialogar sobre a reforma da previdência junto aos trabalhadores da cidade de Juiz de Fora. A medida que ia sendo servido o café com bolos de forma gratuita e preparados com o que foi produzido quintal das mulheres de Aye, ao mesmo tempo realizando o dialogo com o povo. Por conta dessa experiência, o grupo recebeu a proposta para preparar um “café da roça” na abertura de um encontro de lideranças em Juiz de Fora.

De volta ao assentamento nós reunimos as mulheres do assentamento e discutimos a proposta de criar um grupo produtivo que gerasse renda. No dia seguinte apareceram 10 companheiras para organizar o café da nossa primeira atividade produtiva.

Quando realizamos o nosso primeiro café da roça, estávamos reunidas em sete companheiras, organizando, pensando e preparando o nosso café. Hoje o grupo se encontra consolidado com sete mulheres que conseguem se reunir e articular uma diversidade de produção tanto interna, como a de outras mulheres do assentamento e de mais 3 comunidades rurais vizinhas. Só com produção de mulheres, produção agroecológica e sem veneno.

Desafios

Do início do grupo até os dias de hoje temos enfrentado alguns desafios que vamos tentando resolver na medida em que eles vão aparecendo, mas podemos destacar três: formação, estrutural e organizativo.

O primeiro o desafio da formação, quer seja formação política do nosso grupo quer seja o aperfeiçoamento técnico e aprendizagem de em agroecologia. A Formação é



um dos princípios do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o que por sua vez nos recoloca com mais força e qualidade no desenvolvimento das atividades que nos propomos.

“Agroecologia” identifica um esforço historicamente recente de elaborar como ciência, sistemas de conhecimento e concepções de mundo presentes em práticas ou formas tecnológicas ancestrais de agricultura.” (Roseli Caldart, 2019)

O segundo desafio se dá no campo das estruturas físicas para a realização e fabricação das quitandas e cafés, ou seja, temos a necessidade de ter um espaço coletivo para o grupo: a estrutura de uma cozinha, utensílios, forno. Hoje contamos com o espaço da Escola do assentamento e de nossas próprias casas (com forno e fogão à lenha). Esse é um desafio constante de todos os grupos produtivos das áreas de reforma agrária, pois não temos capital para investir e o INCRA - órgão responsável pelo desenvolvimento dos assentamentos, a cada dia vem sendo sucateado, e no atual governo foi encerrado, pois não se tem interesse de desenvolver os assentamentos, pois ao desenvolver mostramos e reforçamos o caminho para o desenvolvimento do nosso país, que é a realização de fato da Reforma Agrária Popular.

O Terceiro desafio é em âmbito organizativo deste coletivo, da necessidade do fortalecimento de nós mulheres envolvidas no grupo produtivo Mulheres de Aye. A organicidade se faz quando nos colocamos em movimento, e não está predeterminada, mas antes é um percurso que exige de nós dedicação e persistência. Pois temos muita demanda de trabalho em nossos lotes, casa e produção, o que passa ser um desafio dar conta de mais uma atividade que vai potencializar o que já realizamos dentro dos nossos lotes.

Principais resultados alcançados

De todos os desafios vividos, as Mulheres de Aye hoje conseguem gerar renda de seus lotes, fruto dos trabalhos coletivos e cooperado. Ressaltamos ainda o fortalecimento dessas mulheres, da identidade de ser mulher, mulher assentada, agricultora produzindo o auto sustento através do trabalho coletivo e não individual. Cada uma de nós está aos poucos encontrando o seu espaço, o seu lugar de fala, de produção e reprodução da vida.

Iniciamos um processo de fortalecimento de outras mulheres ao redor de nós, outras assentadas e mulheres de outras comunidades que também produzem agroecologicamente, mas não se identificam com as mulheres de Aye. Há aí uma rede de mulheres agricultoras agroecológicas.

Percebemos hoje um aumento na participação da produção de mulheres nas feiras, a partir do envio de seus produtos, bem como uma ampliação do diálogo e no debate da agroecologia e da participação da mulher nesses espaços.



Especificamente para as Mulheres de Aye, temos levado a discussão da alimentação saudável nos eventos nos quais organizamos a alimentação, pois servimos as refeições preparadas com alimentos sem veneno, com a concepção da agroecologia.

Pensamos o preparo da comida com outra lógica, com o olhar do alimento saudável que alimenta o corpo e alimenta a memória do rural, do campo!

Disseminação da experiência

Essa experiência vivenciada pelas Mulheres de Aye, da produção de cafés com quitanda em eventos, e a organização da produção de mulheres (do assentamento e de outras comunidades) para as feiras da região e até outros estados da região sudeste tem sido importante para o fortalecimento das mulheres. Tanto do ponto de vista da organização da produção de mulheres, da geração de renda e do debate da agroecologia quanto do aumento da participação das mulheres na vida pública do Assentamento.

O fortalecimento dessa experiência incentiva e potencializa outros grupos produtivos de outras áreas de assentamento.

Referências Bibliográficas

CALDART, Roseli Salete. **18ª Jornada de Agroecologia Exposição na Mesa** “Agroecologia: cultura e ciência popular na resistência dos povos no território” – Curitiba, 2019